



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC

INSTITUTO DE CULTURA E ARTE

COMUNICAÇÃO SOCIAL - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

**IMAGENS QUE AFETAM: REGISTROS DE MEMÓRIAS SOBRE A CIDADE DE
FORTALEZA**

SARAH REBECA PONTE VIANA

FERNANDO LUÍS MAIA DA CUNHA

FORTALEZA - CEARÁ

2021

SARAH REBECA PONTE VIANA

**IMAGENS QUE AFETAM: REGISTROS DE MEMÓRIAS SOBRE A CIDADE DE
FORTALEZA**

FORTALEZA 2021

Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda.

Orientador: Prof. Me. Fernando Luís Maia da Cunha

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

P857i Ponte Viana, Sarah Rebeca.
IMAGENS QUE AFETAM : REGISTROS DE MEMÓRIAS SOBRE A CIDADE DE
FORTALEZA / Sarah Rebeca Ponte Viana. – 2021.
42 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto
de Cultura e Arte, Curso de Comunicação Social (Publicidade e Propaganda), Fortaleza,
2021.

Orientação: Prof. Me. Fernando Luís Maia da Cunha .

1. Memória. 2. Cidade. 3. Fotografia. 4. Paisagens urbanas. 5. Pertencimento. I. Título.

CDD 070.5

SARAH REBECA PONTE VIANA

**IMAGENS QUE AFETAM: REGISTROS DE MEMÓRIAS SOBRE A CIDADE DE
FORTALEZA**

Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda.

Orientador: Prof. Me. Fernando Luis Maia da Cunha.

Aprovado em: 27/08/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Fernando Luis Maia da Cunha (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Me. Soraya Madeira Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Osmar Gonçalves dos Reis Filho
Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Fernando Maia, por ser sempre tão sensível e atento em nossas conversas desde o início e entender onde eu queria chegar antes de mim mesma, além de me mostrar a relevância da minha perspectiva, minha história e minhas memórias.

Aos membros da banca que foram super solícitos e disponibilizaram seu tempo e atenção para participar desse trabalho.

Aos meus amigos Felipe Mota, Vitória Affonso e Isabella Dantas, sem o apoio e dedicação de vocês eu não conseguiria chegar até o fim.

À minha mãe, por toda a vontade de ajudar e por acreditar em mim quando nem eu mesmo acreditei.

A mim mesma, por não desistir.

RESUMO

Este projeto tem como objetivo apresentar o desenvolvimento do fotolivro "Imagens que afetam", que surgiu a partir do estudo da fotografia como linguagem capaz de despertar a sensação de pertencimento pela cidade. O presente trabalho irá abordar os conceitos de memória afetiva, cidade, fotografia e paisagens urbanas e relacioná-las com o processo de pertencimento à cidade. O trabalho explora os conhecimentos adquiridos em fotografia e comunicação visual durante a graduação. O resultado final, irá narrar, por meio de um fotolivro, memórias da cearense Maria Irismar Ponte Viana, vividas na cidade de Fortaleza.

Palavras-chaves: Memória; Cidade; Fotografia; Paisagens urbanas; Pertencimento.

ABSTRACT

This project aims to present the development of the photobook "Imagens que afetam", which emerged from the study of photography as a language capable of awakening the feeling of belonging to the city. This work will address the concepts of affective memory, city, photography, urban landscapes and relate them to the process of belonging to the city. The work explores the knowledge acquired in photography and visual communication during graduation. The final result will narrate, through a photobook, memories of Maria Irismar Ponte Viana, from Ceará, lived in the city of Fortaleza.

Keywords: Memory; City; Photography; Urban landscapes; Belonging.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - <i>Brainstorm</i> desenvolvido durante processo de construção do tema em 2020.....	10
Figura 02 - Arquivos pessoais da entrevistada utilizados em segunda entrevista.....	21
Figura 03 - Fotos do arquivo pessoal da entrevistada utilizados na segunda entrevista.....	22
Figura 04 - Fotos do desfile em comemoração ao feriado de 7 de setembro em 1980.....	23
Figura 05 - Registro do processo de edição das fotos no software Photoshop.....	24
Figura 06 - Fotos do ensaio após edição, à esquerda Igreja do Carmo, à direita igreja do Líbano.....	25
Figura 07 - Capa do caderno da entrevistada, usado como referência para o fotolivro.....	27
Figura 08 - Parte interna do caderno da entrevistada, usado como referência para o fotolivro.....	28
Figura 09 - Amostras de tecido para a capa do fotolivro ao lado do caderno de referência.....	29
Figura 10 - Amostras de papel do fornecedor para produção da parte interna do fotolivro.....	31
Figura 11 - Processo de encadernamento do fotolivro.....	33
Figura 12 - Registro do processo de curadoria e montagem do material interno do fotolivro.....	34
Figura 13 - Registro do processo de curadoria e montagem do material interno do fotolivro.....	35
Figura 14 - Simulação das pranchetas do fotolivro.....	36
Figura 15 - Mesa com simulação da montagem dos materiais por página.....	37
Figura 16 - Registro de páginas do fotolivro já montadas.....	38
Figura 17 - Registro de páginas do fotolivro já montadas.....	38
Figura 18 - Registro de páginas do fotolivro já montadas.....	39
Figura 19 - Registro de páginas do fotolivro já montadas.....	39
Figura 20 - Última página do fotolivro.....	40

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	9
2.METODOLOGIA.....	13
3.ENTREVISTA E ENSAIO FOTOGRÁFICO.....	18
4.CONSTRUÇÃO DO FOTOLIVRO.....	26
5.CONCLUSÃO.....	40
6.REFERÊNCIAS.....	41

1.INTRODUÇÃO

Este projeto de conclusão de curso surgiu a partir de uma atividade da disciplina de cultura visual, uma das primeiras da graduação que fiz de maneira virtual, devido a pandemia de Covid-19. Uma das avaliações da disciplina consistia em realizar um trabalho com a temática memórias, a ser desenvolvido de forma visual. Uma proposta tão abrangente me fez dedicar bastante tempo a refletir sobre o assunto, e me fez perceber que naquele momento de extremo isolamento social, tendia a associar o termo “memórias” à paisagens urbanas e imagens da cidade de Fortaleza.

A temática abordada no projeto que realizei, se deu a partir da compreensão do conceito de memória e esquecimento, e de como a imagem fotográfica pode ser utilizada como ferramenta de preservação da memória afetiva da cidade. Após algumas leituras, e refletindo sobre o que me tocava no assunto, realizei o trabalho final da disciplina acessando um material que já tinha produzido anteriormente, eram fotos da cidade registradas do lado de dentro de meios de transporte, principalmente carros e ônibus. Após a conclusão, percebi que existiam padrões, eu estava mais sensível às paisagens da cidade e, foi a partir dessa prática, que comecei a desenvolver o recorte temático deste projeto.

Devido a pandemia causada pelo novo coronavírus e, conseqüentemente o isolamento social, o direito à cidade, por um bem maior, foi tomado da população, acredito que por esse motivo, a temática se tornou ainda mais relevante para mim. A sensação de pertencimento à cidade se dissipou durante o isolamento e muitas vezes o que permitia que as pessoas se conectassem ao lugar que vivem eram as histórias e imagens de momentos que ficaram no passado, os registros possibilitaram um certo alívio na sensação de enclausuramento e da dissociação comunitária. Nas redes sociais e, principalmente, no Instagram, era comum ver os usuários compartilhando fotos antigas com mais frequência, lembrando memórias e momentos que não sabiam quando aconteceria novamente, em lugares na cidade que temporariamente não poderiam ser frequentados.

Além disso, a impossibilidade de sair de casa, gerou uma mudança de cenário nos ambientes familiares, permitindo uma maior interação entre os membros da família, devido ao convívio inevitável enquanto compartilham o mesmo lar. Em razão disso, tive a oportunidade de ouvir histórias e relatos de vida da minha mãe e da minha avó, histórias essas vividas em Fortaleza, em escolas, igrejas, casas, praças e tantos outros lugares, ouvi-las me fez ter outra visão sobre a cidade. A curiosidade a respeito do tema foi potencializada ao pensar que minha avó não sabe como os lugares que marcaram sua vida se encontram hoje, devido a idade avançada e dificuldade de locomoção, que já não permite que caminhe livremente pela cidade, mesmo antes do isolamento social, já a minha mãe tinha uma rotina corrida e não frequenta mais os mesmos lugares que antes.

Posteriormente, essas dores e curiosidades foram apresentadas ao professor Fernando, que viria a ser meu orientador, a princípio me orientando quanto ao processo de recorte do tema, que foi sendo construído ao longo de várias reuniões. A imagem do registro escrito do primeiro *brainstorm* diz muito sobre o início das nossas ideias e de como ela se transformou.

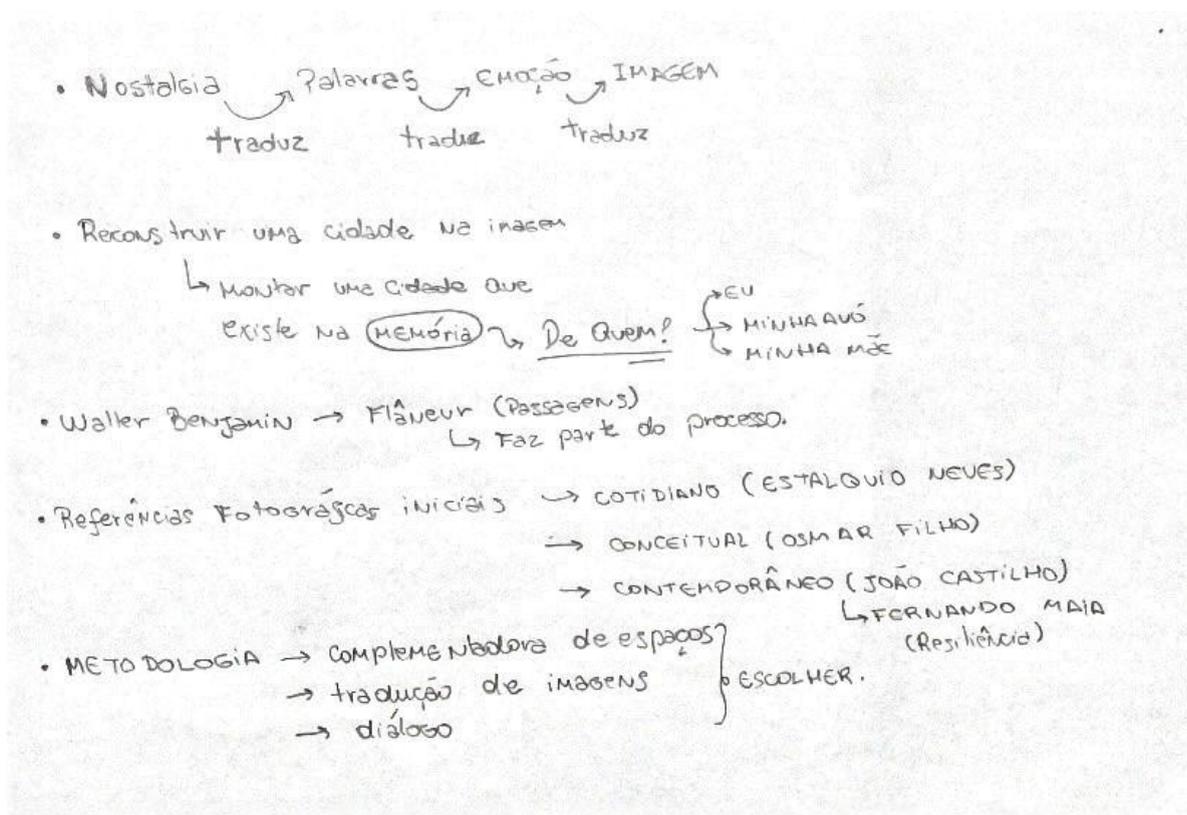


Figura 1 - *Brainstorm* desenvolvido durante processo de construção do tema em 2020.

O projeto começou a ser pensado como um ensaio fotográfico da cidade de Fortaleza, o primeiro ponto abordado pelo Professor Fernando em nossa primeira reunião foi que esse projeto deveria possuir um agente, no qual eu iria me utilizar das memórias pessoais dele ou dela, quase automaticamente me veio à mente a possibilidade de trabalhar com as memórias da minha avó materna Safira. No momento, pensei que isso se deu pela grande quantidade de arquivos e fotos que sabia que ela tinha, pois já vive em Fortaleza há muito tempo, mas foi a partir dessa reunião que o meu orientador me fez perceber que o projeto tendia a ser pessoal, e sim, que o motivo que me fez cogitar transformar a minha avó em agente não foi puramente metodológico, que tinha muito sentimento envolvido, isso só foi possível devido à sensibilidade do professor ao que eu falava em nossas conversas.

Inicialmente, tive resistência em aceitar e aderir a um recorte de tema pessoal, talvez por pensar que isso iria diminuir a relevância do projeto, mas entendi que a arte é sobre isso, sobre estética e sentimento. Segundo Michael Pollak (1989, p.04) "Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum". Após ler a citação anterior do texto Memória, esquecimento e silêncio, decidi que precisaria fazer com que minha memória se beneficiasse da de um terceiro, e assim percebi que, para melhor realização do trabalho, eu precisaria de pontos de contato com o agente que seria entrevistado e que esses pontos de contatos seria o sentimento, algo pessoal, e por isso o ideal é que fosse de algum membro da minha família.

Então, além de abordar as técnicas fotográficas, referências estéticas, maneiras diferentes de registrar paisagens urbanas e definições de pertencimento, os próprios sentimentos e sensações que eu estava tendo acesso durante a construção do trabalho, se tornaram pauta das orientações com o Professor Fernando, conseqüentemente, se tornaram também essenciais para a minha percepção do projeto.

Após várias conversas, desmembrei as palavras chaves, em: memória; cidade; fotografia; paisagens urbanas e pertencimento, mas tinha dificuldade quando pensava em como sair da teoria e ir para a prática seguindo esse caminho, sem me perder do recorte temático. Em virtude disso, para me ajudar a entender como iria transformar essas palavras chaves em um trabalho físico e real, decidi delimitar, então, sub palavras chaves, que me ajudaram a sair do mundo das ideias, para o mundo metodológico, essas palavras foram: nostalgia; palavras; emoção e imagem. Tentei pensar quase como um passo a passo, esses termos se conectam através da tradução, ou seja, um termo necessita ser traduzido para chegar ao outro, associei então, as memórias e a sensação de pertencimento à nostalgia, essa, que deveria ser traduzida em palavras, que depois deveria ser traduzida em emoção e depois traduzida em imagens.

E assim surgiu a proposta de fotografar a cidade de Fortaleza, através dos relatos e memórias de uma outra pessoa, inicialmente através das memórias da minha avó, mas que depois decidi substituir pela memórias da minha mãe, a mudança foi realizada já durante a realização do projeto, por questões metodológicas que serão discutidas em breve. Ela, Maria Irismar Ponte Viana mora na capital desde o ano de 1974, já teve residência em vários bairros da cidade e, sem dúvida, viveu e vive muitos momentos em que a cidade de Fortaleza é protagonista em sua vida.

Sendo assim, o projeto daria-se por encerrado após a conclusão do ensaio fotográfico, entretanto, ainda no processo de orientação, ao planejarmos a montagem, surgiu a dúvida de como iria expor o ensaio nesse contexto pandêmico em que estamos vivendo, além disso, após os encontros com a entrevistada, manifestou-se a necessidade de usar elementos do acervo pessoal da minha mãe no trabalho, além das fotos que seriam captadas posteriormente por mim, a forma de exposição, a partir de então, passou a ser mais do que antes parte do conceito do projeto e intencionalmente optei por elaborar um produto, um fotolivro, ou seja, o ensaio não era mais o objetivo final, mas sim parte do projeto.

Pretende-se, portanto, ao longo desse trabalho, apresentar o processo gráfico, criativo e emocional de elaboração de um fotolivro com registro de memórias na cidade de Fortaleza, em suas diferentes fases de elaboração, possibilitando um

entendimento dos processos envolvidos na criação do fotolivro como um produto de investigação das memórias de uma moradora da cidade de Fortaleza.

2. METODOLOGIA

O projeto a ser realizado neste trabalho pode ser classificado, antes de tudo, como um diálogo, ou seja, não tenho como objetivo provar nada em específico, minha intenção é traduzir memórias através de diálogos de diversos tipos. Além disso, acredito que sua construção se aproxima de um método dialético - comparativo, isto é, comparativo pelo fato do resultado final do projeto perpassar pelas memórias, entendimentos e visões de mundo de duas mulheres que cresceram em gerações distintas, no caso eu que nasci em 1997 e minha mãe, que nasceu em 1965, essa diferença é altamente relevante para a construção do fotolivro, pois de certa forma, busco compreender mais sobre a cidade de Fortaleza, através da comparação entre realidades e memórias diferentes, e dialético porque os diálogos que tivemos não tinham como objetivo convencer uma a outra, nem achar um certo *versus* errado.

Isto é, visões pessoais e distintas, neste trabalho, não são contraditórias e sim muito bem-vindas, pois as memórias não podem ser persuadidas, elas simplesmente existem. Por sua vez, Didi-Huberman fala que “As imagens tomam parte do que os pobres mortais inventam para registrar seus tremores (de desejo e de temor) e suas próprias consumações”, ou seja, é impossível querer construir um fotolivro com memórias pessoais de um agente sobre uma cidade, de forma neutra ou rigorosamente científica, pois as imagens falam e comunicam tanto quanto qualquer outro transmissor de mensagem, mas talvez de forma ainda mais íntima, não permitindo chegar a conclusões exatas, mas sim comunicando no que tange a sentimentos e sensações.

Para a realização do projeto, foram planejadas quatro fases: uma fase voltada para a pesquisa teórica e bibliográfica dos conceitos relacionados ao tema e também no que se relaciona à estética fotográfica. Uma segunda fase voltada para a elaboração e aplicação da entrevista, mapeando os endereços citados pela

entrevistada e depois estabelecendo um diálogo maior sobre cada endereço, em busca de materiais de seu acervo pessoal. Uma terceira fase, que consistiu em visitar e “flanear” os pontos mapeados na fase anterior, com o intuito de realizar o ensaio fotográfico. E a quarta e última fase que foi do planejamento gráfico e orçamentário do fotolivro até a construção e montagem de fato da parte física com os materiais anteriormente obtidos.

Na primeira fase, os esforços estavam voltados ao estudo dos conceitos de cidade, memória afetiva, paisagens urbanas e como a fotografia atua na construção do sentimento de pertencimento. Os principais autores que estudei foram Kevin Lynch com sua obra “A imagem da cidade”; Michael Pollak, com “Memória, esquecimento e silêncio”, Roland Barthes, com “A câmara clara: nota sobre a fotografia” e Georges Didi-Huberman com “Quando as imagens tocam o real”, pesquisa e estudo feitos já na intenção de preparo para a próxima fase.

Após o estudo dos conceitos e teorias, me dediquei à pesquisa do fazer fotográfico, buscando referências em fotógrafos que abordam a cidade em suas obras. Recebi orientação do professor e fotógrafo Fernando Maia, a escolher referências fotográficas em três níveis diferentes de complexidade, primeiro um com estilo conceitual, outro contemporâneo e um livre, que me identificasse mais com sua estética e/ou conceito. De antemão, possuía interesse no trabalho do fotógrafo Luiz Baltar e no próprio Fernando Maia, pois desenvolvem projetos autorais que estabelecem diálogos sobretudo no que diz respeito ao olhar sobre a cidade.

Na segunda fase, elaborei as perguntas da entrevista, com a intenção de obter o máximo de informações possíveis sobre a relação da entrevistada com a cidade de Fortaleza, essas perguntas foram revisadas e criticadas pelo orientador até chegarmos em um denominador comum. Foram no total, 14 perguntas, algumas delas eu já sabia a resposta, pois tenho uma relação pessoal com a entrevistada, ela é minha mãe, então sei a maioria das informações básicas sobre ela, mas ainda assim, preferi manter na entrevista perguntas mais elementares, para conseguir construir e seguir um fluxo de raciocínio para ela, além disso, e também para deixar registrado todas as informações a nível de memorial, as perguntas foram as seguintes:

1	Onde nasceu e quando?
2	Quando você pensa na cidade de Fortaleza, qual a primeira coisa que lhe vem à mente?
3	Quando chegou em Fortaleza?
4	O que a motivou a vir para Fortaleza, como chegou?
5	Onde foi o primeiro lugar que morou?
6	Como era sua rotina? Por onde andava?
7	Trabalhava, estudava? Onde? Como era esse lugar?
8	E nas horas livres, o que fazia?
9	Qual primeira praia de Fortaleza você visitou? Como era na época? Ia com que frequência?
10	Quais outros lugares você já morou em Fortaleza?
11	Quais desses lugares você preferiu morar? Por que? Como era viver lá?
12	Tem algum lugar da cidade que é importante pra você em especial? Por que?
13	Tem algum lugar em Fortaleza que você sempre quis conhecer e nunca foi? Por que nunca foi?

14	Tem algum lugar que gostaria de frequentar mais? Por que?
----	---

Tabela 1: Perguntas realizadas na primeira entrevista.

O roteiro foi previamente disponibilizado, penso que, dessa forma, priorizei o conforto e bem estar da entrevistada, na intenção de fazer com que ela apenas compartilhasse vivências e acontecimentos das quais elas se sentisse à vontade em fazê-las, além de permitir que possuía mais tempo para recobrar a memória os lugares de Fortaleza que marcaram sua vida.

A entrevista foi realizada em maio de 2021, gravada do início ao fim e transcrita para que eu pudesse utilizá-la como embasamento na criação da linha do tempo e do mapeamento dos endereços para a elaboração da próxima etapa da metodologia: o ensaio fotográfico. Os lugares da cidade citados na entrevista foram mapeados e correlacionados ao respectivo ano do acontecimento, para que fosse possível elaborar uma linha do tempo básica.

A intenção em criar uma linha do tempo era apenas para entender melhor se os lugares citados pela entrevistada estavam temporalmente bem divididos, ou se em alguma época da sua vida se sobressaía em seu discurso, se estivesse mal distribuído, teríamos outras conversas a fim de conseguir mais material. Didi-Huberman escreve, por sua vez, que “diante da imagem, estamos diante do tempo” (2015, p. 15), a imagem guarda dentro de si toda a multiplicidade de tempo através da conexão que suas memórias causam entre passado, presente e futuro, uma vez que “a imagem tem frequentemente mais memória e mais futuro que o ser que a olha” (p. 16).

O ensaio fotográfico foi realizado em endereços específicos escolhidos de acordo com o que a entrevistada relatou em seus depoimentos, fiz a escolha dos lugares que eu iria visitar e, conseqüentemente, participar do ensaio. Após a entrevista e várias outras conversas, principalmente após observar e conversarmos sobre fotos e objetos pessoais da entrevistada, os lugares escolhidos foram os seguintes:

LUGAR	FATO IMPORTANTE
Praça do Otávio bonfim	Brincava na infância
Igreja Nossa Senhora das Dores	Primeira comunhão
Círculo dos Trabalhadores Cristãos	Primeira escola que estudou
Praia da Leste Oeste	Praia que costumava ir quando chegou em Fortaleza
Avenida Domingos Olímpio	Estudava no César Cals na adolescência
Paróquia Santo Afonso	Crisma
Igreja Do Líbano	Aconteceu seu casamento
Mercado São Sebastião	Trabalhou por 30 anos

Tabela 2: Locações escolhidas a partir de entrevista realizada em Junho de 2021

A estética aplicada irá perpassar diretamente pela minha visão fotográfica, que é afetada por muitos fatores, pois além de ser de estudante de publicidade, também sou mulher, nordestina, cearense e fortalezense, como também filha da entrevistada, então tudo isso irá sim afetar o resultado das fotos, bem como da montagem do fotolivro.

Gerry Badger e Martin Parr (2004, p.6-7) entendem fotolivro como:

Um livro - com ou sem texto - em que a mensagem principal do trabalho é transmitida através de fotografias. É um livro cujo autor é um fotógrafo ou alguém que edita e sequencia o trabalho de um fotógrafo, ou até um conjunto de fotógrafos. O fotolivro tem um caráter em específico, distinto de uma impressão fotográfica, seja ela uma simples cópia de trabalho, seja ela

uma impressão *fine-art* feita para uma exposição. Contudo, se isso pode nos servir como uma definição básica, não é assim tão simples. Este estudo se detém em um tipo específico de fotolivro e uma categoria particular de produtores de fotolivros. O fotógrafo/autor do fotolivro foi considerado aqui como *auteur* (no sentido cinematográfico - o diretor autônomo, que cria de acordo com sua própria visão artística), e o fotolivro tratado como uma forma importante em si mesma.

Isto é, o fotolivro não foi pensado apenas como uma forma de montagem ou exposição do ensaio, mas sim como um trabalho importante em si mesmo, não só à nível de resultado ou produção gráfica de qualidade, mas também não só pelo seu conteúdo, ele foi pensado estrategicamente e conceitualmente, tanto quanto as fases anteriores. Ou seja, desde as referências para a construção gráfica do fotolivro, até a montagem das fotos e materiais internos, foram realizadas escolhas propositais, pensadas a fim de produzir um resultado coerente e metodologicamente bem justificado.

Didi-Huberman (2012, p.211-212) define que a montagem é um processo imaginativo, quando escreve que “tentar fazer uma arqueologia sempre é arriscar-se a por, uns junto a outros, traços de coisas sobreviventes, necessariamente heterogêneas e anacrônicas, posto que vêm de lugares separados e de tempos desunidos por lacunas. Esse risco tem por nome imaginação e montagem.” Entendi então, que deveria sim, mesclar minhas produções fotográficas, com as fotos e arquivos pessoais da minha mãe, não tentando construir um antes *versus* depois, essa não é a intenção do trabalho, mas como forma de me arriscar a imaginar, como forma de deixar as minhas memórias se juntarem às dela nas folhas do livro.

3.ENTREVISTA E ENSAIO FOTOGRÁFICO

A ideia de realizar uma entrevista começou quando percebi que precisava achar uma forma de ter acesso às memórias da minha mãe de maneira metodológica e organizada. Inicialmente, pensei que a entrevista era a melhor opção para me conectar com ela e conseguir mais informações a respeito de sua vida e de sua relação com a cidade de Fortaleza, pois de acordo com suas respostas iria

descobrir endereços e lugares que marcam sua vida e assim definir quais localidades iria fotografar.

Ao criar as perguntas, pensei em usar a estratégia de começar fazendo-a voltar até suas memórias mais longínquas na cidade, quando ainda era criança e tinha chegado recentemente da sua cidade natal, Cariré, que na época ainda era um distrito da cidade de Sobral. As perguntas tinham a intenção de seguir um caminho cronológico, fui abordando desde assuntos mais gerais e objetivos, como os lugares que ela já tinha morado e sua rotina, até assuntos mais pessoais e que tangem também ao sentimento, como quais lugares foram os mais marcantes na sua vida até hoje sendo moradora de Fortaleza.

Meu plano ao seguir esse roteiro e realizar a entrevista, era conseguir não só pontuar e selecionar os endereços que seriam usados posteriormente como destino para a produção das fotos, mas também fazê-la se conectar com suas memórias, fazê-la lembrar de momentos importantes que talvez não iria me falar de forma espontânea, afinal suas percepções sobre os lugares da cidade também eram relevantes para o resultado final, seus comentários, adendos e sentimentos eram necessários para que, mesmo que involuntariamente, eu fotografasse algo coerente, com suas memórias e com minha interpretação delas.

Toda a entrevista foi gravada, no total a gravação completou 12 minutos e 12 segundos de duração, sendo assim seu tempo foi muito menor do que o que eu esperava, mesmo sabendo que ela não estava falando muito, eu tentei não interferir nas respostas, nesse ponto do trabalho eu realmente queria deixá-la livre para abordar o que achasse relevante, sem minhas intromissões e comentários. Como filha, muitas vezes eu sabia que ela ainda tinha muito o que falar sobre a pergunta ou o lugar abordado na resposta, mas essa quebra de expectativa não foi só em relação ao curto tempo de fala, mas também em relação aos comentários feitos por ela, a entrevistada foi muito sucinta e pragmática em relação aos assuntos, inclusive a décima terceira pergunta: “Tem algum lugar em Fortaleza que você sempre quis conhecer e nunca foi? Porque nunca foi?” teve como resposta um incisivo “não”.

Mesmo tendo disponibilizado as perguntas com antecedência, para que ela pudesse pensar a respeito e conseguisse acessar memórias que talvez precisassem de mais tempo para serem acessadas e conseqüentemente obtivesse

um resultado mais proveitoso de suas respostas, não foi o suficiente. Acredito que ela ainda não estava muito aberta para o trabalho ou ainda não tinha entendido o objetivo dele, a partir daí comecei a pensar em soluções e novas propostas para conseguir mais informações.

Ao conversar com o orientador em uma de nossas reuniões, decidimos que uma boa opção seria apostar em um diálogo mais aberto, talvez meus comentários não fossem atrapalhar o resultado e sim agregar, penso que, assim ela iria se permitir falar mais sobre sua vida e esquecer um pouco a formalidade, sem se limitar à respostas pragmáticas, mas como fazer isso?

A primeira ideia que tive foi me utilizar dos arquivos pessoais da entrevistada, fotos, cartas, lembranças diversas e vários outros tipos de registros que sabia que ela possui em seus arquivos pessoais. Visto que, era um material em grande quantidade, fui dispendo todos em uma mesa para podermos visualizar com mais clareza e darmos abertura a novos tópicos de discussão, como, por exemplo, de onde surgiu cada objeto, em que ano eles foram adquiridos, qual o contexto de cada foto, a época em que foram registradas, quem eram os “personagens” contidos nelas, quem fotografou cada uma, enfim, foram diversos questionamentos que fui fazendo livremente, com a intenção de também chegar a novos endereços da cidade de Fortaleza relevantes em sua vida e que poderiam ser utilizados no ensaio que eu iria fazer posteriormente, mas não só isso, o objetivo também era entender melhor o contexto e a realidade vivida por ela ao longo de seus últimos 47 anos desde que chegou na cidade.



Figura 2 - Arquivos pessoais da entrevistada utilizados em segunda entrevista.



Figura 3 - Fotos do arquivo pessoal da entrevistada utilizados na segunda entrevista.

Isto é, essa foi uma forma de adicionar maior liberdade ao processo de entrevista, tentando fugir do método mais comum de perguntas e respostas pré-definidas, que utilizei no primeiro momento, para deixar fluir melhor as memórias da entrevistada.

Após esses processos finalizados, parti para a definição dos endereços que iriam fazer parte das minhas rotas de fotografia, no total, defini 8 endereços, que considerei de maior importância após os dois momentos de entrevista, refletindo sobre suas respostas e comentários.

Além disso, avaliando os materiais, alguns me saltaram os olhos esteticamente e contextualmente, como, por exemplo, algumas fotos quadradas de um desfile em comemoração ao feriado do dia 7 de setembro da escola César Cals, escola em que ela estudava na época, que aconteceu na avenida Bezerra de Menezes até a avenida Domingos Olímpio em 1980, pois, diferente das outras fotos,

não tinham ela como figura, porque foram fotografadas por ela, então, ao contrário das outras fotos, tinham seu olhar e não sua imagem representada.



Figura 4 - Fotos do desfile em comemoração ao feriado de 7 de setembro em 1980, do arquivo pessoal da entrevistada.

Finalizada a fase de entrevista e definição de locais, parti para a primeira parte prática do projeto, a realização das fotos de fato. As fotos foram registradas com o meu celular pessoal, um Iphone 11, da câmera nativa do aparelho, depois todas as fotos foram para o meu drive, para passarem pelo processo de primeira curadoria realizado por mim, logo após usei o Adobe Photoshop CC 2019 versão desktop para a edição das fotos que foram posteriormente apresentadas ao orientador.

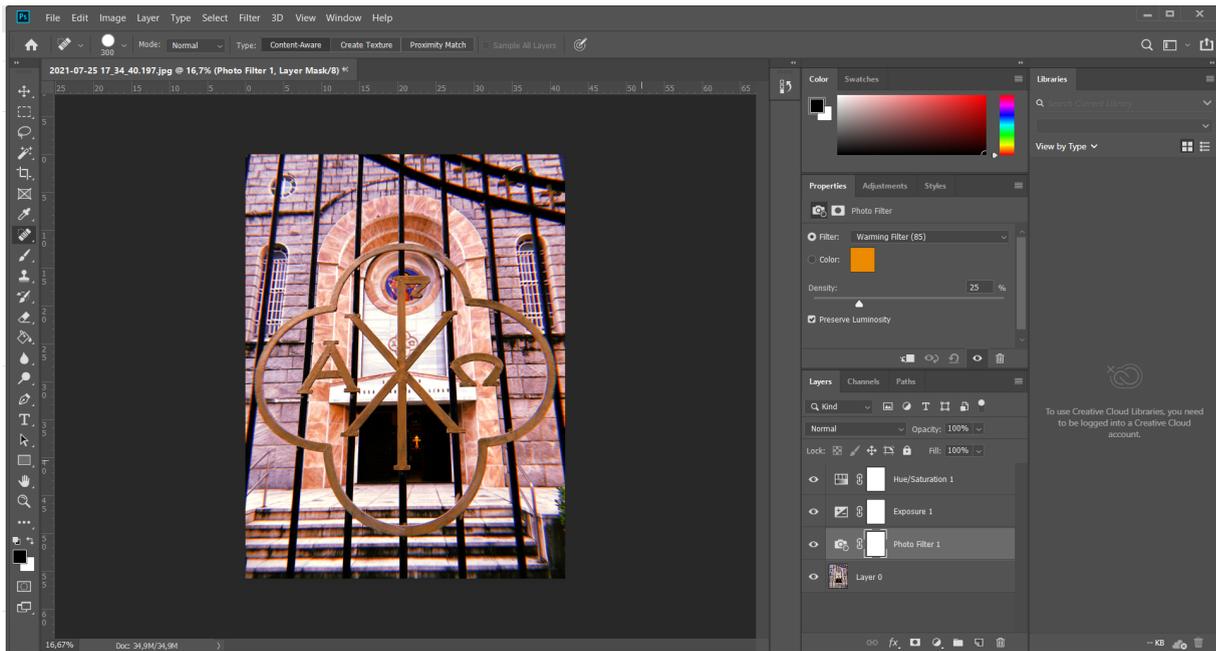


Figura 5 - Registro do processo de edição das fotos no software Photoshop. Captura de tela realizada em 12 de Julho de 2021.

Foram no total 3 rotas para o ensaio fotográfico ser finalizado, a primeira rota foi realizada em Junho de 2021, alguns dias após a primeira entrevista, visitei a Praça do Otávio Bonfim, Igreja Nossa Senhora das Dores, Círculo dos trabalhadores e finalizei no por do sol da Praia da Leste Oeste, foi um dia inteiro de fotos, demorou mais do que o que eu esperava, porque realmente me dediquei a praticar o *Flâneur*, enquanto me lembrava e refletia sobre os comentários que minha mãe tinha feito sobre o lugar que eu estava visitando no momento, era uma forma de fazer conexão entre minhas memórias pessoais, as memórias dela e as lembranças que tenho de nós duas.

Durante o processo de captura das imagens percebi que os meus registros fugiam muito dos registros dos arquivos pessoais da minha mãe, mas que ainda assim continuavam refletindo muito suas memórias, acredito que justamente por essa tal conexão, que tange ao sentimento e perpassa também pelas minhas memórias e ao que também me afeta.

O segundo lugar que visitei foi o Mercado São Sebastião, esse sim eu já conhecia, fui inúmeras vezes durante toda minha infância, porque lá meus pais trabalharam por mais de 30 anos, ia quase que diariamente após sair da escola até

os meus 12 anos de idade, mas após isso nunca mais tinha visitado, é um lugar que me lembra muitas pessoas, muitos momentos felizes quando ainda criança, mas que de fato não visitei depois que tiveram que fechar o comércio e voltar lá em um momento como esse, com uma visão mais clara do ocorrido e disposta a passar um tempo conectando os pontos e registrando o espaço, resultou em fotos que me agradaram muito.

A última rota foi realizada no mês de Julho de 2021, após a segunda entrevista, visitei a Paróquia Santo Afonso, Avenida Domingos Olímpio e Igreja do Líbano, esse segundo dia demorou um pouco menos de tempo que o primeiro e tive a sorte de conseguir chegar na Igreja do Líbano antes do começo de uma missa, então consegui entrar e explorar bem o ambiente.



Figura 6 - Fotos do ensaio após edição, à esquerda Igreja do Carmo, à direita igreja do Líbano.

A Igreja do líbano foi o local que aconteceu o casamento da minha mãe há 37 anos, tenho muitas memórias ainda da minha infância folheando o álbum de casamento, que me sempre me deixava hipnotizada, tanto pela própria fotografia, que era muito diferente das atuais, quanto pelas roupas e pelas pessoas que estavam tão diferentes, eu já conhecia a igreja porque já tinha passado na frente

inúmeras vezes, mas entrar naquele lugar depois de ouvi-la falar suas memórias sobre o dia que casou, foi realmente o retrato da resignificação. Foi nesse momento, nessa localidade, que percebi o processo de construção de pertencimento acontecer, consegui vividamente ver minhas memórias se fundindo às dela e fazendo com que eu enxergasse um lugar da cidade de Fortaleza de uma forma diferente, como se fizesse parte consequentemente da minha história também.

4.CONSTRUÇÃO DO FOTOLIVRO

A ideia de construção de um fotolivro como resultado final do projeto veio como uma consequência das entrevistas, os arquivos pessoais da entrevistada estavam sendo usados para permitir um melhor diálogo, com objetivo de conhecer um pouco mais sobre a cidade de Fortaleza sob a perspectiva dela, quando em conjunto com o orientador, percebi que esses materiais eram tão relevantes para a pesquisa e o projeto, quanto às fotos que eu iria registrar, mas para isso, precisamos decidir a melhor maneira de montar e expor o resultado de todo esse processo.

A ideia do fotolivro surgiu do Professor Fernando em uma de nossas orientações, mas logo aderi à ideia, quando lembrei de um caderno que minha mãe guardava parte dos materiais que utilizamos nas entrevistas. Esse caderno foi construído por ela ainda na infância, quando estudava no Colégio César Cals como atividade da matéria de Técnicas Industriais e Práticas Integradas do Lar. Durante minha infância costumava brincar com ele escondido, adorava ver as notas de cruzeiro e cruzado que ela guardava dentro do caderno, sei que ela tem um apreço especial por ele, depois da conversas que tivemos para a realização do ensaio, não tive a menor dúvida de que precisava reproduzir um semelhante, pois ela guardava ele até hoje, mais de 40 anos depois e por isso foi o material que usei como referência para construir a parte física do fotolivro.



Figura 7 - Capa do caderno da entrevistada, usado como referência para o fotolivro.

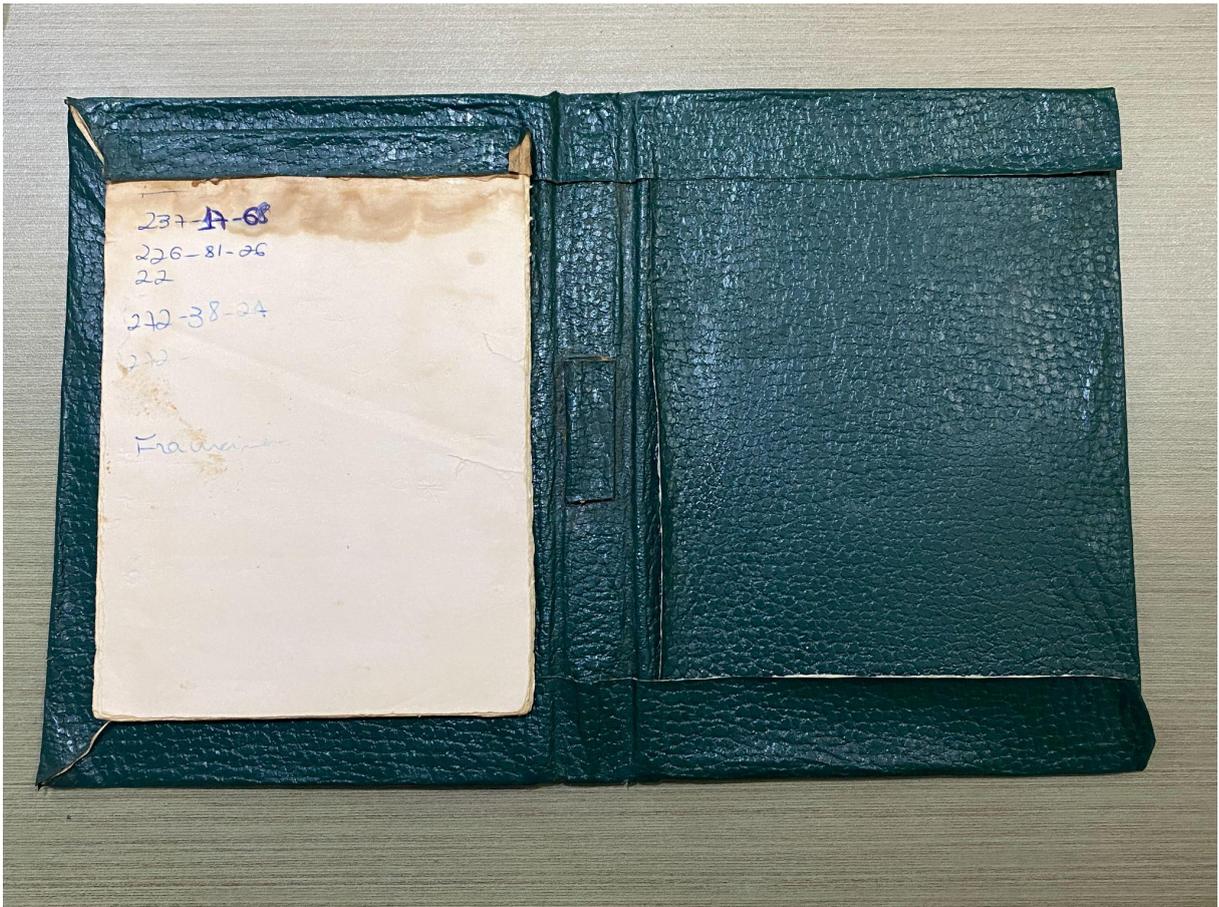


Figura 8 - Parte interna do caderno da entrevistada, usado como referência para o fotolivro.

Passada então as fases de orientações, pesquisa teórica, entrevistas e ensaio fotográfico, parti para a construção do fotolivro, para isso, precisei realizar a pesquisa de material, orçamento, tipos de construção, encadernação e montagem. Um ponto que já estava decidido é que a capa deveria ser o mais semelhante possível com a capa do caderno de referência, verde, com tecido parecido com couro e com acabamento granulado e brilhante como na foto acima.

Fui ao centro da cidade de Fortaleza, em busca do material para a capa, visitei praticamente todas as lojas de tecido com o caderno original em mãos e não achei nada semelhante, até descobrir que o melhor lugar para achar esse material seria em lojas de plástico, pois é um tecido sintético, o primeiro estabelecimento que visitei se chama Plásticos Abude, lá um dos vendedores me orientou que o tecido mais parecido se chamava Courvin e com essa informação fui coletando amostras desse material em outras lojas de plástico.



Figura 9 - Amostras de tecido para a capa do fotolivro ao lado do caderno de referência.

Após visitar outros três estabelecimentos, só em dois encontrei o tecido que procurava e decidi que o melhor seria optar pelo Courvin Dollaro, pois ele tem acabamento granulado como no caderno referência, diferente dos outros que tinham uma textura rajada ou lisa, o único fornecedor que tinha disponível para venda pronta entrega o Courvin Dollaro na cor verde era justamente o Plástico Abude, não era exatamente da maneira que desejava, pois o acabamento é mais fosco do que o tecido do caderno original, mas foi o mais semelhante que achei no mercado e acredito que gerou um resultado satisfatório, comprei um metro, mesmo sabendo que não iria utilizar tudo, pois era o mínimo vendido pela empresa e custou R\$32,00.

O próximo passo a ser realizado foi a pesquisa pelo papel que utilizaria no miolo do fotolivro, o papel do caderno referência é levemente rugoso, não sei se pelo desgaste do tempo ou porque era originalmente assim, mas quis preservar essa característica no fotolivro, entretanto a gramatura do papel utilizado no caderno original era muito baixa, até porque ele era utilizado apenas como bloco de notas, e

o fotolivro precisa de um material de gramatura mais alta para conseguir sustentar todas as fotos e elementos que seriam fixados nele.

A dimensão do fotolivro foi definida levando em consideração dois principais fatores: o espaço de prancheta que iria ser utilizado para realizar a montagem das fotos e também a proporção de quantas páginas caberiam em cada folha grande do fornecedor ao ser cortada, pois já sabia que as fornecedoras de papel com melhor custo benefício em Fortaleza não vendiam em tamanhos menores e que precisaria ser refilado após a compra.

Para conseguir visualizar melhor as opções de papéis disponíveis no mercado, visitei a Jográfica, um comércio de materiais gráficos famoso como fornecedor de diversos tipos de papel, localizada na rua Barão do Rio Branco no centro da cidade de Fortaleza, lá tive acesso a vários mostruários, mas dei preferência para as gramaturas mais altas, escolhi o papel casca de ovo pela textura rugosa, na gramatura de 250 gramas, a dimensão da folha original comprada na Jográfica era de 63 x 89 centímetros e foi nesse momento que precisei decidir qual seria a dimensão do miolo do fotolivro, para definir quantas folhas eu deveria comprar.

Isto é, o tamanho do fotolivro precisaria ser maior que o caderno original, que possui 15 x 20 centímetros, para caber os elementos mesclados, usei como referência para o tamanho uma média de 2 fotos por página, as fotos que tirei no ensaio tem dimensão de 10 x 13 centímetros, ou seja, o fotolivro precisaria ser maior do que 20 x 26 centímetros. Entretanto, com o objetivo de economizar e fazer o melhor uso do papel, precisaria achar uma dimensão que coubesse o máximo de páginas possíveis por folha comprada, mesmo depois de cortadas e refiladas, conversei com o vendedor, e segundo ele em uma folha grande, caberiam 9 folhas A4, decidi assim comprar 2 folhas da fornecedora, assim teria um total de 18 páginas, ou 32 se contasse com o verso de cada uma, cada folha custou R\$5 , totalizando assim R\$10 apenas para o miolo do fotolivro.

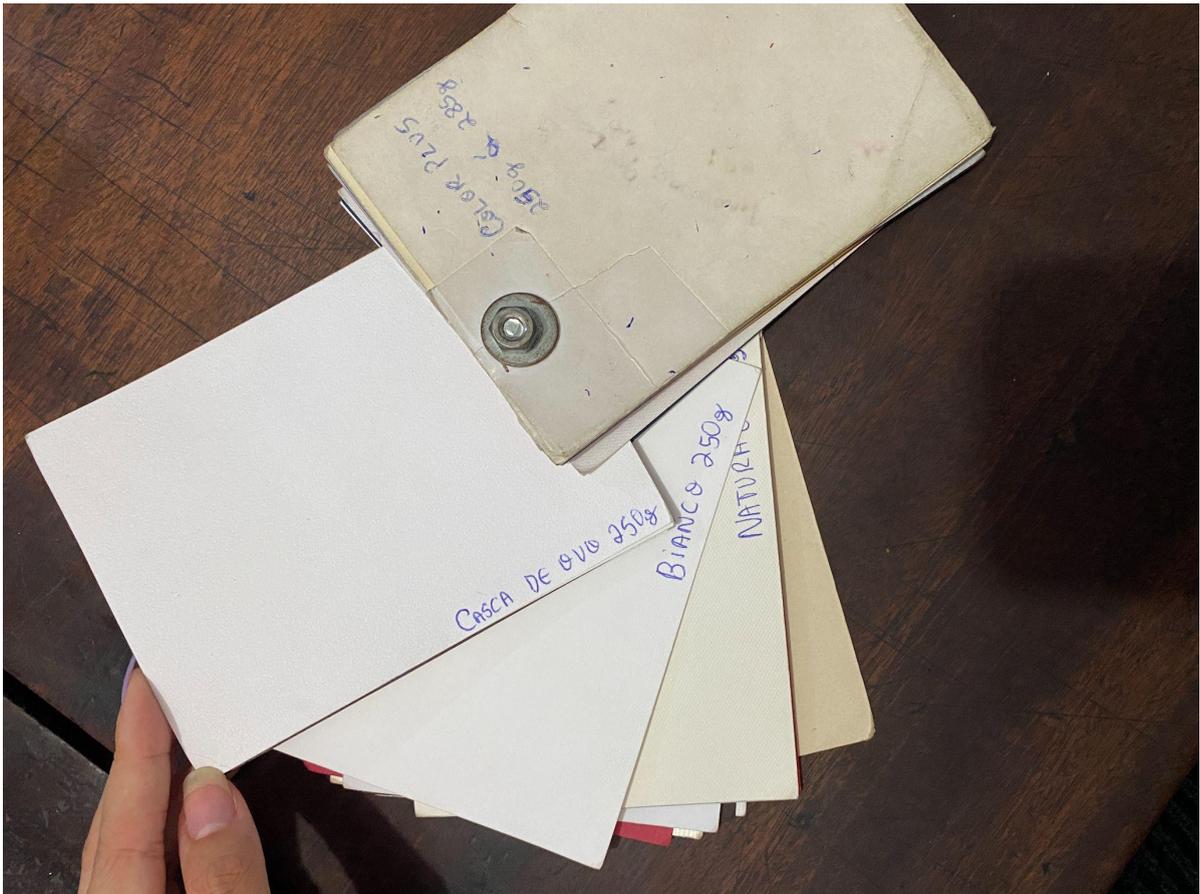


Figura 10 - Amostras de papel do fornecedor para produção da parte interna do fotolivro.

Após adquirir o material para a construção da parte física do fotolivro, parti em busca da encadernação, essa sem dúvidas foi a que me fez despender mais tempo, foram muitos dias de pesquisa até achar algum profissional que fizesse o tipo de encadernação que eu desejava, para deixar o mais semelhante possível com o original, ou seja, o tecido seria para dar acabamento à capa dura, e decidi não utilizar espiral nem wire-o. Diferente do caderno referência, estrategicamente por causa da montagem, queria que suas folhas abrissem na horizontal e não na vertical, como no bloco de notas do caderno original.

Entrei em contato com diversas empresas de comunicação visual, gráficas e encadernadoras de toda a cidade, explicando o serviço a ser realizado e me deparei com o mesmo problema muitas vezes: as empresas só trabalhavam com material próprio, e essa não era uma possibilidade, pois para obter o resultado que desejava, semelhante à minha referência precisava usar os materiais que havia comprado, dessa forma minhas opções ficaram muito limitadas, mas em uma das ligações o dono da encadernadora Multi Opções acatou meu pedido e pediu para

que eu visitasse o estabelecimento com o meu material para que ele pudesse analisar.

Visitei então o local, localizado na Rua Floriano Peixoto no centro de Fortaleza, expliquei então todas as características do serviço que eu desejava, a dimensão, a quantidade de páginas, a encadernação, o material da capa, mostrei a referência, mas ainda assim, não saiu como o esperado, ele me comunicou que não existia a possibilidade de realizar a encadernação com costura em tão poucas páginas, que por isso a única possibilidade seria encadernar com espiral, não queria aceitar, mas tentei pensar em uma maneira que o espiral não ficasse evidente com o caderno fechado, expliquei para ele e combinamos que seria feito então uma encadernação com espiral *wire-o* interna, para que fechado o livro continuasse com a aparência semelhante ao original.

Essa visita ocorreu em um sábado e o prazo de entrega seria na terça-feira, porém ele não cumpriu o primeiro prazo, nem o segundo prazo, em uma de nossas conversas por telefone percebi que ele não tinha entendido corretamente o que combinamos e fiquei ainda mais preocupada, ele já tinha utilizado parte do material de maneira incorreta e por isso resolvi voltar no estabelecimento duas semanas após a primeira visita, chegando lá, expliquei novamente o resultado que desejava e ele finalmente se dispôs a tentar realizar a encadernação com costura, nesse momento o material que tinha disponibilizado inicialmente para ele construir a capa já havia sido descartado, pois estava errado e por sorte, como falei anteriormente, havia comprado 1 metro de tecido e ainda tinha bastante sobrando.

Dessa vez acompanhei todo o processo de perto, explicando passo a passo os detalhes que desejava, dentro do que era viável, dessa forma, ele conseguiu realizar a encadernação com costura e com todos os outros requisitos que eu havia definido anteriormente, passei aproximadamente duas horas acompanhando e orientando a montagem e foi uma experiência interessante, descobrir como funciona cada passo desse tipo de encadernação, entretanto, após o refilamento do papel casca de ovo, as 18 páginas que eu acreditava ter no início resultaram em apenas 16, mas acredito que isso não interferiu negativamente no resultado final.



Figura 11 - Processo de encadernamento do fotolivro.

Estar com o fotolivro em mãos depois de tantas semanas buscando informações, indo ao centro da cidade, pesquisando e gastando mais do que o orçamento, foi um alívio, ver ele construído com características tão semelhantes ao original me fez finalmente tranquila para que pudesse me dedicar a próxima etapa: a curadoria final e a montagem do material nas páginas do fotolivro.

Para partir para a próxima fase pedi a ajuda do orientador, ele sugeriu que marcássemos um encontro presencial, o primeiro que teríamos desde o início da orientação, que começou ainda em 2020, para que pudéssemos juntos ver o material escolhido e pensar na lógica de montagem nas pranchetas do fotolivro, marcamos esse encontro no espaço de estudo do Shopping Riomar Fortaleza e fui orientada a não me debruçar mais sobre a montagem até que chegasse a data do nosso encontro.

Dia 12 de julho nos encontramos e realizamos em conjunto a diagramação das páginas, ou seja, a simulação da montagem do material em cada

prancheta, pois posteriormente sozinha eu fixei e finalizei os acabamentos manuais em casa.



Figura 12 - Registro do processo de curadoria e montagem do material interno do fotolivro.



Figura 13 - Registro do processo de curadoria e montagem do material interno do fotolivro.



Figura 14 - Simulação das pranchetas do fotolivro

Tivemos que construir 16 pranchetas, que se relacionam umas com as outras, mesmo que por lógicas diferentes, não buscamos por um padrão só

cronológico ou estético, mas mesclamos um pouco dos dois com o intuito de construir uma narrativa, como elementos usamos as fotos do ensaio fotográfico feito por mim, fotos do arquivo pessoal da entrevistada nos lugares selecionados como locação das fotos depois da entrevista, telegramas, cartas, calendários, cédulas e filmes negativos que se relacionam diretamente à história da minha mãe em Fortaleza.



Figura 15 - Mesa com simulação da montagem dos materiais por página

Mas como em qualquer trabalho artístico, a interpretação fica a critério de quem vê, eu como criadora tenho uma narrativa construída que depende muito das minhas memórias pessoais, das memórias que ouvi da minha mãe nas entrevistas e do próprio processo de registro de imagens e construção do fotolivro, já a minha mãe certamente construiu outra narrativa, pois não tem as minhas memórias, acredito que a banca ao ler esse memorial irá construir sua própria narrativa e quem

ver o fotolivro sem entender seu contexto criará outra bem diferente, a interpretação da arte é pessoal e intransferível.



Figura 16 - Registro de páginas do fotolivro já montadas.



Figura 17 - Registro de páginas do fotolivro já montadas.



Figura 18 - Registro de páginas do fotolivro já montadas.



Figura 19 - Registro de páginas do fotolivro já montadas.



Figura 20 - Última página do fotolivro.

5.CONCLUSÃO

Visitar lugares tão importantes para a história de vida da minha mãe, e mais do que isso, tentar traduzir suas memórias como moradora da cidade de Fortaleza, foi algo único e sua importância foi muito além do que apenas entregar um trabalho de conclusão de curso, foi uma experiência que envolveu a minha própria construção de identidade como Fortalezaense.

Muitos foram os aprendizados obtidos durante esse longo processo, entre eles a compreensão da relevância da fotografia para a construção da sensação de pertencimento à cidade, até a importância da tradução do sentimento como uma linguagem relevante e que também cumpre seu papel em comunicar, e o entendimento mais amplo de como meu trabalho profissional se relaciona aos processos complexos de produção gráfica, fundamentais para garantir uma finalização de qualidade para o trabalho.

Acredito que consegui atingir meu objetivo de construir um diálogo sobre a sensação de pertencimento à cidade do início ao fim do processo, desde as

pesquisas teóricas, passando pelas entrevistas e ensaio fotográfico, até a construção e montagem do fotolivro, afinal, esse é o objetivo da comunicação, viabilizar o diálogo e fazer com que o outro seja melhor compreendido.

Além disso, muitas foram as experiências não mensuráveis que experimentei e exercitei durante a elaboração desse projeto, que foram fundamentais para o fechamento deste ciclo tão relevante para minha formação acadêmica, estudantil e profissional, mas principalmente para a minha formação humana.

6.REFERÊNCIAS

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**; trad. Maria Cristina Tavares Afonso Edições 70, Lisboa, 1999

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2007.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia de Bolsa, 2008.

RONILK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 2001

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tocam o real**. Tradução de Patrícia Carmello e Vera Casa Nova. PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, p. 206-219, 30 nov. 2012.

PAAR,M.; BAGDER, G. **The Photobook: A History**. Londres: Phaidon, 2004

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015